

INTERAÇÃO SOCIAL E APRESENTAÇÃO DO SELF NOS WEBLOGS

Adriana Braga

Resumo:

Proponho neste artigo desenvolver uma reflexão sobre algumas práticas comunicacionais estabelecidas na ambiência proporcionada pela Internet. Em particular, me interessa relacionar, desde uma perspectiva simmeliana, a dimensão de sociabilidade nos weblogs e a apresentação do self nesse contexto a partir da dinâmica interacional da entrada em cena de novos/as participantes.

Palavras-chave: comunicação mediada por computador (CMC), weblog, cibercultura.

Desde a criação de interfaces simplificadas para veiculação de conteúdos *online*, os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por usuáries/os não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de identidade e de individualidade, em uma dinâmica análoga ao que Goffman (1998) denomina “gerenciamento da impressão” (*impression management*). Em 1999, o lançamento do *Blogger* e do *Grouk-soup*, e mais recentemente do *weblogger*, ferramentas dos sistemas baseados na web, possibilitou que usuáries/as que não dominavam o *script* HTML (*hypertext markup language*), recurso básico para a criação de *websites*, criassem seus *weblogs*, fenômeno recente, mas que aponta para um crescimento substantivo. A maioria dos *weblogs* disponibiliza um espaço de interação, de sociabilidade, de debate, de “arena pública”, onde visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a, e com os/as demais visitantes. Outra característica dos *weblogs* é a presença de uma lista de indicação com *links* para outros *weblogs* recomendados. Geralmente, é possível encontrar comentários de outros/as blogueiros/as (acompanhados do endereço eletrônico), da lista dos indicados, no Livro de Visitas¹ de cada *weblog*, formando uma rede de interação onde uns referem-se aos outros e tem-se a sensação de constituírem uma mesma “comunidade” interagindo através de textos, imagens e hipertextos. Essa tecnologia permitiu que algumas das pessoas que já lidavam com computadores em suas atividades profissionais e/ou cotidianas, utilizassem essa tecnologia para criar *weblogs* temáticos, voltados para assuntos específicos. A interatividade e o recurso de utilização da hipertextualidade característica dos *weblogs* proporciona a formação de uma listagem de indicação de *links* constituída a partir dos interesses temáticos do grupo, que gera uma rede de interações comunicativas e circulação de saberes específicos por essa via, cujo princípio formativo aponta para direções ainda obscuras. Desta forma, ampliou-se a oferta de sentidos no campo das mídias, trazendo novas expressões ao já intrincado e complexo campo simbólico das representações midiáticas.

Buscando lidar com um objeto de natureza tecnológica, é preciso evitar tanto a tentação do determinismo quanto da negação que este tipo de objeto suscita. Assim, reconheço na abordagem de Ong (1998) um meio termo sensato, que, a partir de uma perspectiva histórica, realoca a oralidade no lugar de originadora da cultura escrita. A escrita, considerada como tecnologização da palavra, por estar tão in-

corporada ao próprio pensamento humano, tem sua forma e organização tomadas como óbvias, dadas.² As semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita, entretanto, apontam aspectos interessantes de subculturas de sociedades de cultura escrita de alto grau como a nossa, onde fragmentos de oralidade podem ser identificados revelando aspectos de grande interesse de estudo. Na passagem da fala para a escrita, opera-se um desvio do universo sonoro para o espaço visual (ONG, 1998, p. 135). Nesse sentido, observa-se na blogosfera um modo freqüente e curioso de expressão, registros por escrito com ritmo e expressividade característicos de formas basicamente orais.

Este uso subversivo da língua culta – aquela dos documentos formais – reitera o distanciamento eletivo do mundo do trabalho, e a conseqüente adesão ao descompromisso próprio da sociabilidade (SIMMEL, 1983). Uma distinção importante é ressaltada por Ong com relação à escrita e à oralidade:

A escrita e a leitura diferem da oralidade, em termos de ausência: o leitor está normalmente ausente quando o escritor escreve, e o escritor está normalmente ausente quando o leitor lê, ao passo que, na comunicação oral, falante e ouvinte estão presentes, um diante do outro (ONG, 1998, p. 191).

Para Ong, uma das diferenças operadas pelo surgimento da escrita com relação à cultura oral foi a introdução de um tipo de reflexão analítica até então inexistente. Livre da obrigatoriedade da presença física do outro e da concomitante necessidade do imprevisto demandadas pela cultura oral, a cultura escrita permite tempo para reflexão, para escolher as melhores palavras. Com isso, ganha-se em precisão verbal, mas perde-se um pouco em espontaneidade. Em nossa época de oralidade secundária – oralidade pós-tecnologia da escrita –, a promoção da espontaneidade se dá através da reflexão analítica operada pela escrita: decide-se que é conveniente ser espontâneo (ONG, 1998, p. 155). Sendo assim, os acontecimentos são cuidadosamente planejados visando garantir a espontaneidade.

Mais de 20 anos após a publicação deste livro, escrito em 1982 – antes ainda das possibilidades comunicacionais da tecnologia da Internet –, Ong (2003) dedica seu último artigo publicado, antes de sua morte em 2003, a uma reflexão sobre a alteração da consciência a ser operada nos seres humanos a partir da entrada em cena do horizonte comunicacional aberto pela atividade *online*. De olhos no futuro, o autor se pergunta “onde estamos agora” (ONG, 2003, p.

43), na medida em que, a partir da Internet e da atividade *online*, tudo no mundo da vida humana está conectado conscientemente com tudo o mais: o que é externo e interno à mente humana. A considerar a crescente expansão do processamento eletrônico, o autor demonstra seu assombro diante da concepção de um tempo em que o mundo interior da consciência e o mundo exterior passam a ser (virtualmente) um só (ONG, 2003, p. 44). Sob a suspeita de que esse é o mundo que se estabelece para o futuro inteiro da existência, Ong parece atentar para as conseqüências desse estado de coisas na própria consciência humana, como quando da entrada da cultura escrita na cultura oral, da cultura impressa na cultura escrita e agora, da cibercultura na cultura impressa/audiovisual. Assim, a introdução de uma nova tecnologia em dada cultura implica uma reorganização desta nos mais diversos níveis, promovendo novo repertório de palavras, novos protocolos de interação, nova visão de mundo. A partir disso, não se tem a cultura *mais* a nova tecnologia, mas uma outra cultura. Nos termos de Neil Postman, “a mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me a ‘ecológica’ no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total” (POSTMAN, 1994, p. 27).³

Desta maneira, a introdução da Internet permitiu, entre outras coisas, uma certa relativização do monopólio de produção de conteúdos midiáticos, vigente desde o surgimento dos meios eletrônicos. Evidentemente, em termos de impacto de veiculação nenhum conteúdo de Internet pode ainda rivalizar com um programa de televisão. Porém, o fato de não requerer do produtor um investimento expressivo, e de não necessitar enfrentar as chamadas ‘barreiras à entrada’ (BRITTOS, 2004) presentes no estruturado mercado de televisão, os *weblogs* têm sido empregados pelos mais diversos perfis de produtores/as, colocando no campo discursivo midiático um número expressivo de novos sujeitos enunciativos. Essa conseqüência, provavelmente não prevista pelos criadores desta tecnologia, tem permitido a emergência de fenômenos como os *weblogs*. Sem o descomprometimento que só é possível ter quando nenhum capital foi investido além de tempo de produção e divulgação, dificilmente tal diversidade de *weblogs* existiria, uma vez que sua produção necessitaria de, no mínimo, um considerável investimento em diagramação, composição, impressão e distribuição, em forma impressa. Em forma eletrônica, os investimentos seriam bastante mais elevados. Em suma, a introdução da Internet, suscitando a emergência de inúmeros novos

atores no campo discursivo das mídias, provocou, entre outras alterações, uma dispersão do monopólio da produção e veiculação midiática de conteúdos, diluindo, pela quantidade de pequenos novos sujeitos enunciativos em condição de disponibilizar conteúdos em larga escala, o chamado “poder da mídia”, descentralizando, de uma certa maneira, o oligopólio da enunciação midiática. Assim, essa tecnologia configura, além de uma multiplicidade de oferta enunciativa, ambientes de interação social, que são apropriados por grupos diversos, que, constringidos pelos limites e possibilidades do meio, estabelecem diferentes formas de sociação.

No que se segue, recupero um pouco da trajetória do raciocínio de Simmel na sua teoria da sociedade desenvolvida ainda no final do século XIX para pensar posteriormente o tipo específico de interação que ocorre nos weblogs. Duas proposições são trabalhadas por Simmel (1983, p. 165) para descrever a constituição da “sociologia pura”: a de que em qualquer sociedade humana é possível fazer uma distinção entre forma e conteúdo; e de que a própria sociedade se refere à interação entre seus membros, interação originada a partir de impulsos ou propósitos. Os indivíduos vivem, agem, uns com ou contra os outros se influenciando mutuamente a partir de impulsos eróticos, religiosos, interesses objetivos, propósitos de auxílio, defesa, ataque, de ganho, de jogo etc. Esse autor designa como conteúdo, como matéria da sociação – entendida aqui como a forma pela qual os indivíduos se aproximam em núcleos de satisfação de seus interesses – o que está presente nos indivíduos na forma de impulso, interesse, inclinação, propósito, estado psíquico, movimento que visa mediar influências sobre os outros. A base das sociedades humanas é formada por tais interesses, sejam eles efêmeros, permanentes, conscientes ou não, sensuais, ideais ou causais.

A partir de seus propósitos, das condições práticas e das necessidades, os indivíduos trabalham sua inteligência, vontade, criatividade e sentimentos sobre os materiais da vida, conformando-os como elementos de usos específicos da vida de cada um. Entretanto, estes materiais tornam-se parte dos objetos que criam, e assim, autonomizam-se, passam a ter vida própria, independente dos propósitos originários. Simmel cita como exemplo o caso das ciências e das artes, que tiveram sua origem a partir do conhecimento e das interpretações de realidades concretas e abstratas respectivamente, que visavam originalmente a atender a fins práticos e tornaram-se valores em si mesmas, estabelecidas de modo absolutamente separado das exigências e dinâmica da vida.

Os fenômenos reunidos na categoria de jogo parecem funcionar da mesma maneira. As necessidades e forças reais produzem formas de comportamento adequadas ao jogo, formas puras que se autonomizam e que fornecem ao próprio jogo sua jocosidade e seu sentido simbólico, distinguindo-o assim da simples brincadeira.⁴

Simmel vai chamar de sociabilidade um fenômeno da mesma ordem. Considerando a distinção entre forma e conteúdo, o conteúdo da sociedade seria estar com um outro motivado pelos propósitos individuais ou materiais, o qual conformaria formas estéticas específicas que, desenvolvidas, ganhariam vida própria. Tais formas, autonomizadas, independentes de seus conteúdos originais, adquirem fascínio exatamente por esta desvinculação: sociabilidade, forma autônoma, estética e lúdica da sociação (SIMMEL, 1983).⁵

Os indivíduos se agregam em associações a partir de interesses e necessidades que definem conteúdos específicos. Mas para além desses conteúdos, o fato de se sentirem sociados provoca satisfação em seus membros, a formação daquela sociedade como tal é em si um valor. O puro processo de sociação, a forma desse processo é, assim, um valor estético socialmente apreciado.

Sendo assim, a sociabilidade evita atritos com a realidade, de modo que os motivos da sociação, implicados na vida prática, não têm importância neste contexto interacional. Ponto semelhante é desenvolvido por Goffman, para quem a maior parte da interação social cotidiana é possibilitada pelo engajamento comum e voluntário dos participantes no que ele chama de “consenso operacional” (GOFFMAN, 1998), uma espécie de concordância superficial, onde cada participante abstrai suas posições pessoais em prol de uma definição da situação compartilhada por todos:

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apóiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um “consenso operacional” (GOFFMAN, 1998, pp. 18-19).

Mesmo com toda a mediação tecnológica, a interação em muitos *weblogs* parece não prescindir do encontro presencial. Por vezes, os/as freqüentadores/as destes ambientes efetivamente promovem encontros presenciais, mais aos moldes da sociabilidade descrita por Simmel. Os encontros são concebidos, planejados e comentados no ambiente dos *weblogs*, e documentados em *fotologs* dos/as participantes, permitindo pensar em uma dimensão complementar das diferentes mídias coexistentes no cotidiano das pessoas envolvidas. Nesse caso, as relações mediadas pelas tecnologias participam do contexto da interação, e a propósito dela: *weblog* + bar + *email* + *messenger* + celular + fotografia digital + *fotolog* + listas de discussão + orkut. Esta espécie de sociabilidade, assemelhada à de um clube, associação de interesses compartilhados, utiliza as mídias disponíveis de modo complementar, a serviço da sociação.

Se por um lado, a teorização de Goffman sobre a ordem da interação face a face parece se aplicar muito bem ao objeto sob investigação, por outro, os dados apontam também diferenças importantes. Goffman considera que há duas espécies de expressividade do indivíduo, atividades radicalmente diferentes e igualmente significativas: a expressão *transmitida*, ligada à linguagem verbal e à intencionalidade, e a expressão *emitida*, que inclui as ações, olhares, suores, sorrisos ou expressões faciais, permitindo inferências nem sempre controladas pelo indivíduo. No caso do *weblog*, há menos elementos de emissão de expressão, somente aqueles veiculáveis por forma verbal – erros de português, por exemplo – havendo uma preponderância da informação deliberadamente transmitida. Isso traz conseqüências ao tipo de interação comunicacional que se estabelece. Relativamente livres da expressividade via emissão, os sujeitos encontram menos obstáculos – ou obstáculos de outra ordem – em tentar manejar a impressão causada nos outros através de pseudônimos, *nicknames*, tentativas de controle com relação à informação fornecida.

No caso específico dos *weblogs*, em que sejam guardadas as diferenças do tipo de interação face a face analisada por Goffman,⁶ a dinâmica interacional entre os/as participantes aponta para a manutenção do consenso operacional deste ambiente de sociabilidade. Quando um/a participante traz um assunto pessoalmente importante naquele momento, os/as demais freqüentadores/as imediatamente acolhem aquele conteúdo emitindo opiniões sensatas, de apoio, que se reiteram, estabelecendo esse consenso. Tal acordo tácito parece pretender mais acatar a pessoa que expôs seu problema do que obter uma concordância real sobre a situação em si.

É importante ressaltar que as interações face a face agendam de uma certa maneira a interação no *weblog*, ao mesmo tempo em que a interação no *weblog* também agenda a interação presencial. A participação nos encontros presenciais destes grupos – quando ocorrem – deixa a impressão de que aquele tipo de interação está subordinado à interação *online*, de onde irradiam as demais interações. Ao passo que a dinâmica do *weblog* e seu circuito comunicacional parece mais viva, dinâmica e calorosa, o encontro presencial parece cumprir um papel paralelo na definição do espaço do *weblog* como um espaço gerador de múltiplas atividades e interações.

A função reguladora da sociabilidade vai ser exercida pelo tato, pelo traquejo, que através da amabilidade e cordialidade vai traçar os limites quando ocorrem os excessos. Não participam aqui diretamente quaisquer atributos mais objetivos que os/as participantes possuam, como riqueza, posição social, fama, cultura, bem como o caráter, a disposição pessoal, devem ser colocados em segundo plano como elementos desse ambiente de interação,⁷ exceto cumprindo um papel de meros matizes.

É interessante destacar, assim, o extenso uso da “função fática” da comunicação verbal no contexto interacional sob exame. Esta função da linguagem, originalmente definida por Malinowski, foi designada por Jakobson (1969) como um dos seis fatores que determinam as diferentes funções da linguagem.⁸ Para ele, o fator ligado à função fática é o contato:

Este pendor para o contato ou, na designação de Malinowski, para a função fática, pode ser evidenciado por uma troca profusa de fórmulas ritualizadas, por diálogos inteiros cujo único propósito é prolongar a comunicação (JAKOBSON, 1969, p. 126).

Assim, a função fática opera basicamente como uma sustentadora da interação verbal, prolongando ou interrompendo a comunicação, permitindo verificar a atenção do interlocutor ao fluxo da conversação, falando sem “dizer nada”, mas permitindo interacionalmente a própria existência do diálogo.

Em uma interação de sociabilidade, o/a participante se apresenta equipado/a apenas de sua humanidade, renunciando às “qualificações objetivas de sua personalidade”. Mas se um/a participante interage visando propósitos objetivos, um “limiar da sociabilidade” (SIMMEL, 1983, p. 171) é transposto, desfazendo o princípio formativo do grupo, tornando-o apenas uma junção mediadora superficial. Nesse sen-

tido, é possível observar nos ambiente dos *weblogs*, a partir de uma consciência tácita, uma disposição tolerante e amável por parte dos/as participantes que poderia ser categorizada como reguladora dos limites daquela sociabilidade.

No contexto dos *weblogs*, esse limiar é eventualmente transposto quando algum/a participante comete um excesso, fazendo uma crítica explícita a algum conteúdo tratado, por exemplo. Nesses casos, é interessante notar que a reação provocada no grupo depende de quem faz a crítica. A categoria “participante” não é homogênea. Existe uma espécie de hierarquização que se manifesta por exemplo no retorno dado a uma crítica nesses ambientes, que pode ir do ostracismo, ironia ou agressão até uma justificativa respeitosa acerca do ponto criticado. No primeiro caso, quando a crítica parte de visitante anônimo/a ou desconhecido/a, e no segundo, quando parte de algum/a visitante prestigioso/a da blogosfera. Ou seja, estabelece-se nesses ambientes uma espécie de julgamento das questões em conflito, em que a posição vencedora é a que capitaliza mais manifestações de apoio e de maior peso simbólico, definindo, nos termos do grupo, padrões de ‘certo’ e ‘errado’. Assim, granjear o apoio expresso dos/as co-participantes garante reconhecimento e pertencimento naquele local. Nos casos de rechaço da crítica, um argumento que freqüentemente é empregado para encerrar a questão consiste em um apelo aos objetivos declarados daquele espaço como um local pessoal, de liberdade de expressão.

Segundo Goffman (1998), um indivíduo, ao se apresentar diante de outros, pode agir de várias maneiras com relação ao que esses outros esperam dele. O processo de apresentação de si no contexto dos *weblogs*, se dá de diversas maneiras, não obstante, alguns padrões podem ser identificados. A temática proposta pelo *weblog* geralmente participa do conteúdo das mensagens de entrada em cena no ambiente, mas não necessariamente. O elemento que garante reconhecimento e pertencimento ao grupo é o elogio, padrão de entrada mais recorrentemente encontrado. O elogio ao espaço e à iniciativa é invariavelmente bem recebido e respondido pelo/a blogueiro/a ou pelo grupo. Entretanto, outros padrões se observam, os quais denominei ‘não-elogio’ e ‘crítica’. O não-elogio, que pode ser um pedido de informação, uma dica ou comentário, geralmente é respondido com acolhimento ou simplesmente não respondido. As críticas têm como resposta o ostracismo, a ironia ou a agressividade, uma justificativa ou explicação, como tratado acima.

Entretanto, algumas vezes, tais ações vão ser calculadas de forma consciente ou inconsciente. Outras vezes, o indivíduo se expressará...

...intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a de vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão (GOFFMAN, 1998, p. 15).

No caso dos *weblogs*, o papel do/a blogueiro/a parece ser um bom exemplo deste ponto ressaltado por Goffman. Sua “tradição no grupo” lhe dá um lugar de fala privilegiado, se pronunciando oficialmente quando algum conflito ameaça extrapolar o propósito de sociabilidade do grupo, mediando, ponderando e dando o tom adequado à interação, de modo a retomar a ordem da sociabilidade.

Entre os pontos característicos da sociabilidade, Simmel destaca também sua natureza democrática, uma espécie de “toma lá, dá cá”, onde cada participante oferece valores sociais ao ambiente (alegria, realce, vivacidade) na mesma proporção com que recebe. Eliminado o que é pessoal e objetivo, a sociabilidade “cria um mundo sociológico ideal” (SIMMEL, 1983, p. 172), onde o prazer do indivíduo está implicado no prazer dos outros. Esta espécie de clube criado a partir desta interação específica se manifesta como um “campo finito de significação” (SCHUTZ, 1962), desvinculado dos assuntos sérios e objetivos. Essa “interação entre iguais”, retirada da socialização através da arte e do jogo, demanda um tipo de interação pura, um jogo de “faz de conta” que todos são iguais e cada um, individualmente, é reverenciado.

Enquanto na vida séria e real as formas de interação estão comprometidas com interesses e as pessoas conversam para tentar entendimento sobre algo que querem comunicar, no jogo, os elementos são autônomos, animados pela própria atração que sua dinâmica exerce, em um encontro social as pessoas falam por falar. A conversa social tem como fim a troca de palavras e seus efeitos de encanto, o assunto tratado é apenas um meio viabilizador, veículo dessa troca. Segundo Simmel (1983), em uma interação de sociabilidade os conteúdos objetivos não devem ganhar ênfase e importância por si próprios, o que não significa que eles sejam indiferentes: quanto mais atraente ou importante, mais distante a possibilidade da conversação parecer falsa e vazia e melhor cumpre sua função de animação da interação, desde que não se transforme no propósito explícito da conversação. Para tanto, a habilidade para mudar de assunto se torna parte constitutiva da natureza da conversa social.

Desta maneira, na sociabilidade, a conversa é o propósito em si, a conversa é a realização de uma relação lúdica, que só quer ser relação. Enfim, talvez seja interessante para justificar a investigação sobre esse tipo de material, a aproximação que Simmel faz da sociabilidade, “exatamente por sua distância de sua realidade imediata, pode revelar a natureza mais profunda desta realidade, de maneira mais completa, consistente e realista que qualquer tentativa de apreendê-la mais diretamente” (SIMMEL, 1983, p. 180). A considerar o relaxamento dos papéis formais desempenhados em outras situações interacionais, os momentos de sociabilidade tornam-se mais propensos ao fluxo de conteúdos espontâneos, íntimos ou inconscientes, informações talvez mais facilmente protegidas em situações sérias. Sendo assim, pensar sobre este fenômeno de sociabilidade midiaticizada pode ajudar a conhecer melhor os processos comunicacionais contemporâneos.

NOTAS

- ¹ O Livro de Visitas” (*guestbook*) é um espaço para comentários dos/as visitantes de um *weblog*. Em alguns casos, este espaço é disponibilizado a partir de um único *link*; em outros, há um *link* específico abaixo de cada *post*. De qualquer forma, um espaço de interação entre produção e recepção neste ambiente.
- ² Entretanto, a experiência proporcionada pelos meios de comunicação tem influenciado a auto-identidade e a organização das relações sociais desde a primeira experiência da escrita (GIDDENS, 2002, p. 12).
- ³ Como exemplos, pode-se pensar nas alterações promovidas na cultura com a introdução da escrita, da imprensa e do telefone.
- ⁴ Para uma abordagem mais aprofundada sobre a noção de *jogo*, ver Huizinga (1971).
- ⁵ Para uma discussão aprofundada das peculiaridades da sociologia formal de Simmel, ver Smith (2004).
- ⁶ Em seus textos, Goffman deixa sempre claro o limite da ordem da interação: a presença física imediata entre dois ou mais participantes. Entretanto, no tempo em que Goffman escreveu, não existia Internet. Acredito que a teorização desse autor possa ser extrapolada de modo a incluir o tipo peculiar de interação social ocorrente nos *weblogs*.
- ⁷ Embora o discurso inevitavelmente apresente marcas que apontam para todos esses aspectos.
- ⁸ Jakobson (1969) considera que a ênfase em cada um dos elementos da linguagem (remetente, contexto, mensagem, contato, código e destinatário) determina uma função da linguagem: Função emotiva = centra-se no *remetente*, manifesta-se nas interjeições, no desempenho do ator; Função conotativa = centra-se no *destinatário*, modo verbal imperativo; Função fática = centra-se no *contato*, descrito acima; Função metalinguística = centra-se no *código*. Uso da linguagem para verificar se o código é o mesmo; Função poética = centra-se na *mensagem*. É o enfoque dado à mensagem por ela própria, ao arranjo dado às palavras na mensagem; Função referencial = centra-se no *contexto*. A principal função é a orientação para o que há a ser dito, função denotativa, cognitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTOS, Valério. “Televisão e barreiras: as dimensões estética e regulamentar”. In: JAMBEIRO et al. *Comunicação, Informação e Cultura – dinâmicas globais e estruturas de poder*. Salvador: EDUFBA, 2004.

- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- HUIZINGA, Johann. *Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, Papirus, 1998.
- _____. “Oralism to Online Thinking”. In: *Explorations in Media Ecology* (2/1) pp. 43-45. New Jersey, Hampton Press, 2003.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopolia: Quando a Cultura se rende à Tecnologia*. Lisboa, Difusão Cultural, 1994.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*. The Hague, M. Nijhoff, 1962.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- SMITH, Greg. “Instantâneos ‘sub specie aeternitatis’: Simmel, Goffman e a sociologia formal” in: GASTALDO, É. (org.) *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.